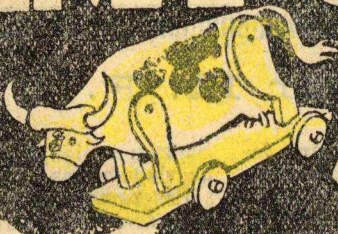


PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 674



O SENHOR LUCAS

Por ISABEL AREOSA

O Senhor Lucas cada vez está mais lucas... Mas nem por isso deixa de frequentar o Café onde uma roda de amigos costuma explorar a sua pretenciosa sabedoria.

A semana passada o amigo Felizberto, sentado a uma mesa do tal Café, abriu um jornal estrangeiro e pôs-se a ler alto algumas notícias de sensação.

«Calcula-se que tenham sido empregados 535 elefantes, este ano, para o fabrico das bolas de bilhar.»

— «Essa cifra deve estar errada» — observou o Vitorino, um dos amigos da roda.

O sr. Lucas comentou logo:

— «Não deve estar; os elefantes são uns animais inteligentíssimos, mais inteligentes do que o cão, e a prova vê-se: — como eles chegam a fabricar as bolas de bilhar tão macias e redondas que é uma perfeição...»

Ficou tudo a rir.

Como os meus meninos sabem as bolas de bilhar são feitas de marfim dos dentes do elefante e são trabalhadas em fábricas, onde diversos maquinismos lhes dão a forma arredondada e superfície pulida.

Perante a risota dos amigos, o Sr. Lucas ficou um pouco encavacado mas não curado da mania do comentário. E para não sofrer outro desaire prometeu a si mesmo tornar-se desconfiado e ter mais cautela no que dissesse aos seus amigos



No dia seguinte, voltou ao mesmo café.

O amigo Felizberto, como de costume, lia o jornal. A certa altura, virou-se para os amigos e disse-lhes:

— «A América é um país fenomenal. Há cidades onde se calcula que haja um automóvel por 57 pessoas.»

— «Ora... ora... ora... atalhou o Sr. Lucas, desta vez achando-se disposto a não cair nas asneiras do costume. — Você, amigo Felizberto, vá pregar essa pêta a outro...»

— «Amigo Lucas, olhe que está aqui escrito no jornal.»

— «Ora... ora... ora... Você não vai, agora, fazer-me crer que na América metem 57 pessoas num automóvel!»

Então é que foi o bonito. Os amigos riram até não poder mais. Porque o Sr. Lucas não sabia o que eram estatísticas e não entendeu, por isso, que um automóvel por 57 pessoas, queria dizer que era na proporção de 57 pessoas por cada automóvel.

MILAGRE

Por M. F.

— **M**ÃE, quero falar a Jesus! — implorava o pequeno Simeão, com instância, naquela manhã de sol.

— «Não, filho, não posso ir procurá-lo. Daqui a Shechem é tão longe e demora tantas luas! Não calculas, decerto, meu filho, o que é o areal sem fim. Soube ontem que Jesus vai de Shechem caminhar para o norte.»
— «Mas, mãezinha, quero Jesus! Ouyi dizer que Êle dá fala aos mudos e ouviu aos surdos. Talvez, se eu lhe pedir, com fé, dê a luz aos meus olhos cêguinhos.»

Assim falava um pequeno hebreu, dos seus dez anos, naquelas paragens longínquas da Palestina. Sen pai morera há muito. Nunca os seus olhos azuis haviam mirado as palmeiras e os cedros, as planícies e as montanhas. Mas, desde que ouvira dizer que um homem formosíssimo, de intuição divina, fazia, em nome de Deus, os mais extraordinários milagres, enorme fé se apoderou do pequeno:

— «Mêezinha, vamos procurar Jesus!»

Um dia, quando o sol amortecia, em fulgores avermelhados, Ester sentiu-se tocada de certa esperança. Que caminhos podia haver que o seu amor de mãe achasse longos?! «E' certo que

Shechem era longe, distava muitos dias de viagem mas isso que importava?»

Puseram-se a caminho. Numa fonte sussurante encheram de água cristalina os cantis. Depois...

... Foi a caminhada imensa através do deserto. A água bebia-se de vez em quando, aos goles, sôfregamente. O calor abrasava, evaporando a pequena reserva. Dardejava sôbre eles o sol da Palestina. Shechem ficava ainda tão distante!... Mas o seu amor de mãe, dava-lhe forças para palmilhar as areias malditas.

Quando já desesperava de salvação, uma caravana passou e, apiedados os árabes deram-lhe água. Não os levaram nos seus camelos por se destinarem a outras bandas.

Assim se passaram dias, volvidos os quais a sêde voltou.

Então, quando Ester viu o filho aflito, deu-lhe, abnegadamente, os últimos goles de água que havia no cantil. A sêde apertava e, sempre caminhando, a pobre mãe sucumbia. Mas, a seu lado, o cêguinho Simeão sentia-se bem, alentado pelos restos do precioso líquido que a mãe lhe havia dado, quem sabe se com o sacrifício da própria vida.

Ninguém mais atravessava o deserto. A pobre mãe, de vez em quando, via miragens, lagos sombreados entre ramarias, árvores cheias de frutos suarentos. Pouco depois, caiu desmaiada, entre o chôro do pequeno Simeão.

Seguido por muita gente do povo, passava, agora, pelo deserto, um



homem alto, magro, com a barba apartada e envolto numa túnica. Os cabelos eram rodeados por uma auréola de luz. Ao ver a pobre mulher caída, sem alento, junto dum pequeno que chorava de dôr e de medo, sôs na amplidão pavorosa das rasas planícies, o homem aproximou-se do grupo com palavras afáveis.

Ao sentir a sua presença, Simeão caiu de joelhos e disse:

— «Quiz procurar Jesus para dar vista aos meus olhos cêguinhos. Nunca vi a luz do sol, a côr dos poentes, a forma das palmeiras. Contudo, isso não me entristece. A minha maior dôr é não poder ver o rosto de minha mãe. Então, resolvi pedir-lhe que me trouxesse à presença de Jesus. Mas, a mãezinha deu-me tôda a água que trazia. Caiu e não mais se levantou. Agora, estamos aqui perdidos.»

Comoveu-se Jesus com a fé do pequeno e o amor daquela mãe que não se importava de morrer para prolongar a vida de seu filho. Apontando os dois exemplos aos apóstolos e às pessoas que o seguiam, o bom Nazareno disse ao pequeno:

— «Quiseste Jesus; aqui o tens!»

E, abençoando os olhos azuis, inexpressivos, de Simeão, o bom Nazareno fez com que o pequeno visse a sua figura majestosa, os seus companheiros, o rosto de Ester e os areais sem fim.

Vinda de longe, aproximava-se uma caravana. Ao mesmo tempo, a mãe do pequeno erguia-se, cheia de vida, como se, em vez dum desmaio, despertasse dum pequeno sonho.

Simeão e sua mãe ficaram radiantes, voltando para a sua aldeia na companhia de Jesus. E no lugar onde a pobre Ester caíra inanimada, nasceu uma fonte de água cristalina...



F I M

O LOBO e o GROU

Por LILITA

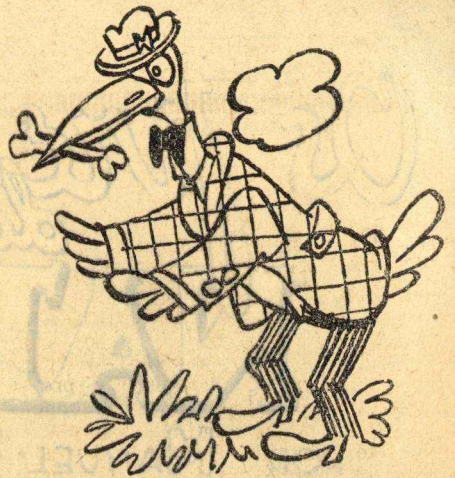
(Adaptação dos «Contos da Avózinha»)

Um lobo, depois do almoço,
de tanto comer cansado,
encontrou-se com um osso
— que alvorço! —
na garganta atravessado.

Vãos esforços empregou
para de lá o tirar;

muito disposto a morder,
o lobo pôs-se a dizer:
«Que ingrato tenho poupado!

Pois atreves-te a pedir
a paga! A paga de quê?!
Tiveste na minha bôca
a tua cabeça louca;

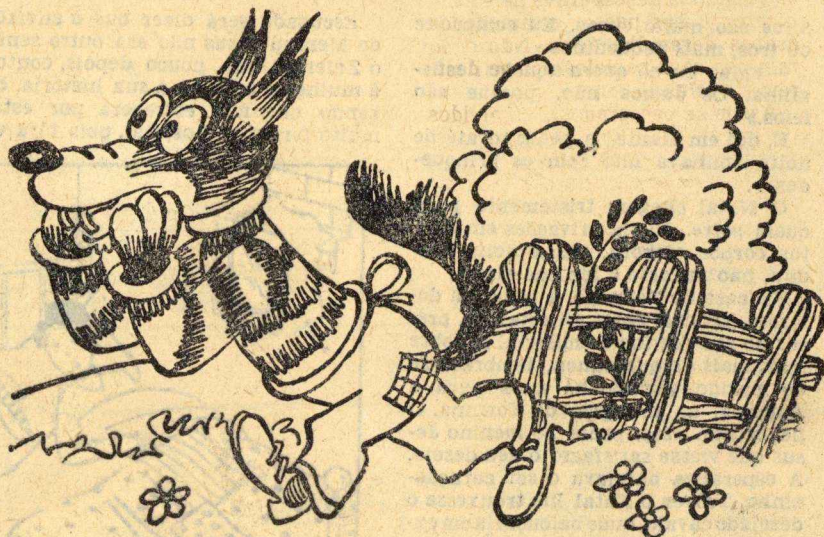


eu poupei-te. Agora vê
como me pagas, ingrato.
De fazer bem já 'stou farto!» —

PEQUENINOS:

A-pesar de tudo isto,
não tenham medo, meninos,
de fazer bem.
Pois o grou,
pelo visto,
não levou
dêsse tal lobo. E, afinal,
do que se faz, mal ou bem,
bem ou mal.
a paga um dia nos vem.

F I M



não podendo, disse: — «Eu vou
d'aqui procurar o grou,
para desta me livrar!» —

E foi, efectivamente;
chegou lá, todo choroso,
prometendo, «in continente»
pagar generosamente
se o grou fôsse habilidoso.

O nosso grou, cujo bico
não é nada pequenino,
lá conseguiu, pico, pico,
pico, pico,
irar-lhe o osso mofino.

Mas, vendo o lobo sair
da sua casa garrida,
o grou resolveu pedir,
a sorrir,
a tal paga prometida.

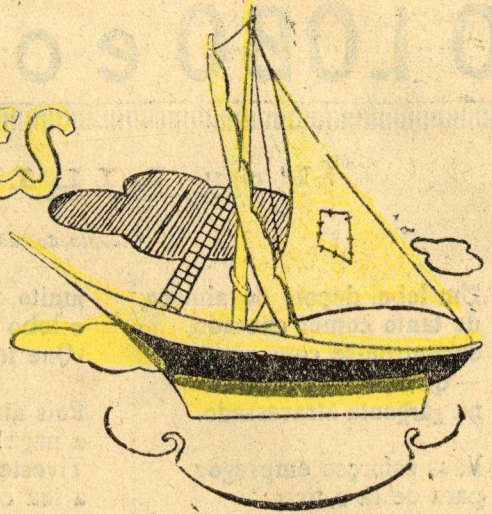
Mas o que êle foi fazer!
Pois, de dente arreganhado,

PARA OS MENINOS COLORIREM



Os presentes do NATAL

POR MANUEL FERREIRA
ILUSTRAÇÕES DE
RUY MANSO



A porta da humilde choupana, a Ana do Zeferino levava, repetidas vezes, no seu paleio com a vizinha Maria, o lenço aos olhos.

— «Mas, então, há quanto tempo ele não te escreve, cachopa?»

— «Seis meses, *ti* Maria, seis meses. Mandou-me carta, da última vez, pelas ceifas. Eu pedi logo ao *ti* Zé regeador que lhe respondesse. E até agora... nada. Ouvi dizer que há meses houve na rua onde ele mora, uma grande desgraça em que morreu muita gente. Quem sabe se...»

— «Cala-te, mulher, não penses nisso. Deixa lá, que qualquer dia escreve-te. Tenho ouvido dizer que é a Fé que nos salva...»

— «Deus a oiça, *ti* Maria, Deus a oiça!»

Lá dentro do casinhoto, os oito anos do pobre Antoninho, filho da Ana, definhavam. O *sôr* doutor, que o vira, uma vez, lá na vila, não atinara com a maleita. Desde que, há



meses, viera, à cidade e vira, numa loja de brinquedos um cavalo, um automóvel e um barco, em ponto grande, nunca mais sossegara:

— «Mãezinha, gostava tanto daqueles brinquedos...»

— «Pois sim, filho; mas aqueles bo-

nitos são muito caros. Eu compro-te ou tros, mais pequeninos.»

— «Mas eu só quero aqueles, mãezinha. Os outros não, porque são feios.»

E, daí em diante, o pequeno até de noite sonhava alto com os brinquedos...

O Natal chegou; tristemente para quem sofre. Havia privações em muitos corpos, embora, nessa noite bendita, não faltasse a luz nas almas.

Na casa do Zeferino, a cena era dolorosa. Os dois entes ali estavam, presos ao seu destino de miséria. A pobre mãe, mais do que nunca, lembrava-se do marido, partido há anos para a América, na miragem da Fortuna. O pequenito, êsse, pedia ao menino Jesus que viesse satisfazer o seu desejo. A esperança bafejava o seu coraçãozinho. Talvez o Natal lhe trouxesse o desejado cavalo, onde balouçaria em extraordinário galope, o automóvel que deslisaria, veloz, sobre a arca dos traptos e o barco que faria viagens no riacho que atravessava a aldeia.

Pensando nisto, adormeceu e sonhou. Na manhã seguinte, o Antoninho acordou com os beijos dum homem alto, forte, simpático, muito bem vestido. Perto dêle, a mãe chorava de alegria.

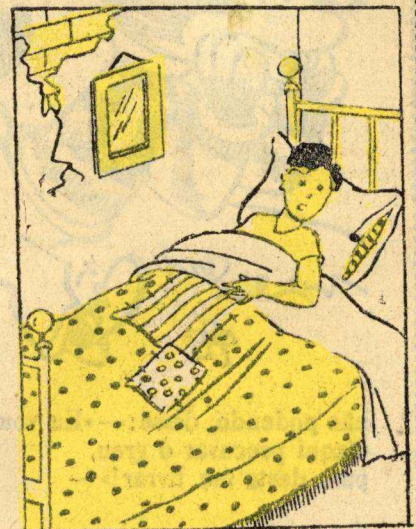
— «Venho da parte do Menino Jesus — disse o homem — Ele não pôde vir mas, como sabe que tu fôste sempre bom menino, mandou-te alguns presentes. Vem comigo...»

Radiante, embrulhado na pobre camisinha, o Antoninho seguiu, com os olhos muito abertos, o desconhecido. Este abriu a porta do quarto e mostrou ao pequenito um cavalinho de carne e osso e um automóvel pequeno, também verdadeiro.

E, com um beijo, explicou:

— «Amanhã vamos para Lisboa. Tua mãe escreveu-me, a dizer que tu querias, à viva força, três brinquedos que ela te não podia dar. Por isso, eu t'os trago hoje. O automóvel é para passeares nele connôco. Dou-te, quando souberes guiar. Quanto ao barquinho, um *iate*, deixei-o, em Lisboa, na doca...»

Escusado será dizer que o enviado do Menino Jesus não era outro senão o Zeferino que, pouco depois, contou à mulher e ao filho a sua história, dizendo que não escrevera por estar muito ferido no hospital, pois fôra vi-



tima da tal derrocada que houvera na rua onde morava.

Saíra em Novembro. E em fins do mês, ao atravessar uma linha férrea, viu que um pedregulho enorme estava atravessado na saída duma curva. Sabia que, daí a cinco minutos, se tanto, o rápido da Califórnia, passaria. Iria dar-se uma desgraça pavorosa.

Como evitá-la?

Tomou uma resolução. Como na sua fazenda, que era perto dali, tinha uma grande quantidade de molhos de trigo, lançou-lhes fogo. E, não contente com isso, despiu o casaco, a camisa e o colete e deitou-lhes fogo, correndo ao longo da linha com aquêlê vestuário pendurado num pau.

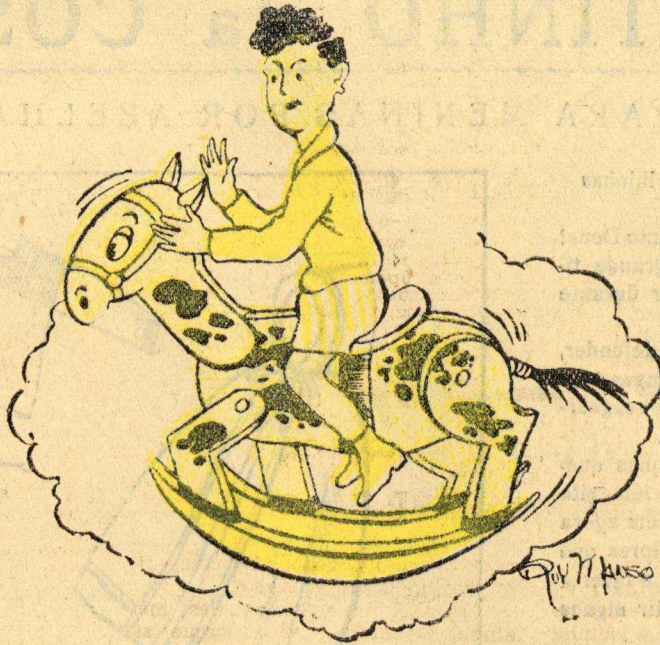
O rápido aproximou-se... Mas, ao ver de longe o clarão, conseguiu retroceder. O Zeferino contou o que era passado e, muito gratos, os directores da Companhia dos caminhos de ferro,

ofereceram-lhe um cheque de cem mil dollarés e todos os passageiros, salvos duma enorme desgraça, o gratificaram largamente.

Voltava, pois, o Zeferino, rico e feliz. Destruira a sua pobre colheita para salvar o seu próximo mas Deus recompensára o seu sacrificio.

E, agora, satisfeito, curado, o pequeno Antoninho agradecia ao Menino Jesus aquele Natal bendito.

F
I
M



PASSATEMPO

Substituir os pontos por letras, formando assim nomes femininos?

B....
O...
...A...
...S....

F.....
E.....
S....
T....
A...
S....

F.....
E.....
L....
I....
Z....

A.....
N.....
O.....

OS NOSSOS CONCURSOS

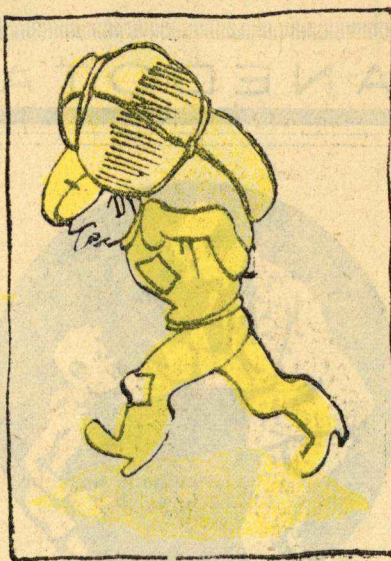
ENCONTRAIS RIMAS e FIXAIS CONCEITOS

Por JOSINO AMADO



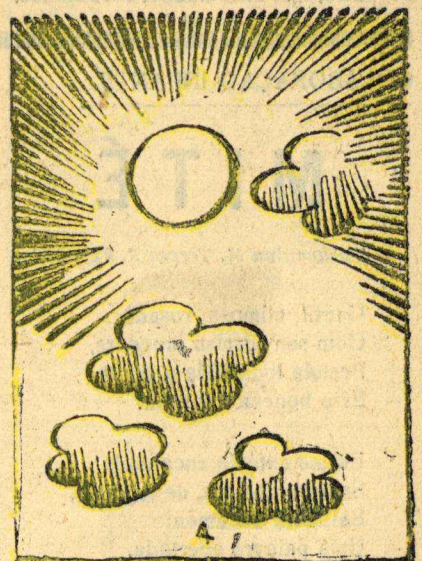
Quantos, alunas e alunos,
Vão à Escola portuguesa,
Nunca serão import....,
Mostrarão delicad...!

Porque ela, em quem nos rodeia,
Faz da indiferença afeição,
Tal e qual a lua-ch....,
Que afugenta a escuridão..!



Se um dia fores geireiro,
Serviçal ou empregado,
Deves ganhar o dinh....
Com o teu trabalho honr...!

Do patrão serás amigo,
Nem zombando, nem de-veras,
Tentes correr o per...
De jogar com êle as pé...!



Por invejas, ninharias,
De qualquer alma pequena,
Cobrir de nuvens sombr....
A vida, não vale a p...!

Por isso, menino, anseia
Evitar inimizadas,
Porque «quem ventos sem...
Só colherá tempest...!

O CESTINHO da COSTURA

SECCÃO PARA MENINAS POR ABELHA MESTRA

Queridas Abelhinhas

Dezembro! Quanto frio, santo Deus! E' preciso afigentar êsse grande tirano que nos vai atormentar durante longos meses!

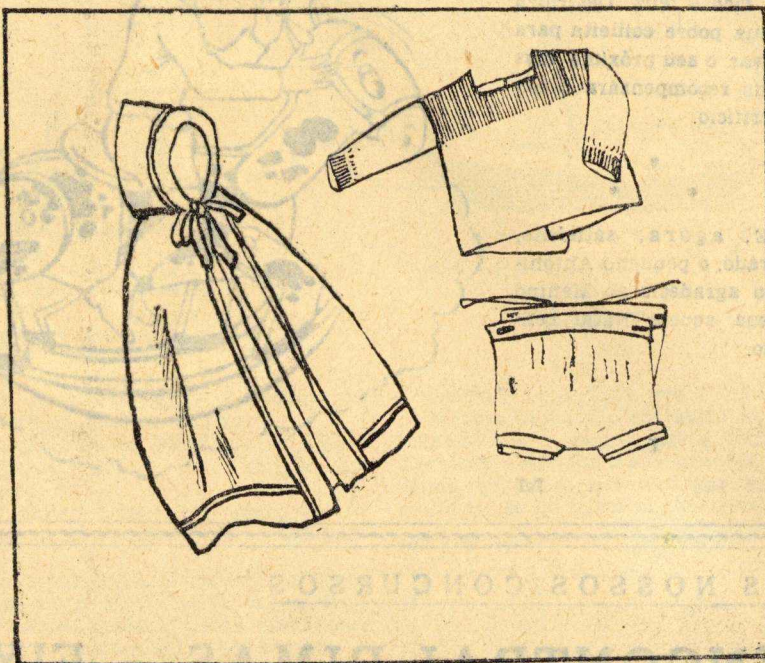
Temos, portanto, de nos defender, antes de mais nada, com roupas confortáveis e quentes que nos resguardem dos rigores da invernia.

Ora, as minhas Abelhinhas que, decerto, já muitas roupinhas têm feito para os vossos bonecos, podem agora talhar estas em moldes maiores que sirvam a verdadeiros bês e fazer a encantadora esmola de vestir alguns pòbrezinhos.

Quanta alegria podem vocês, pequenitas, espalhar à vossa roda!

E devem lembrar-se de que estamos no Natal e que, após êle, vem o Ano Novo! Parece que os corações são mais generosos nesta linda época...

Êstes modêlos são fáceis de fazer. Com alguma ajuda da Mãezinha, conseguirão, sem dificuldade, executá-los.



E oxalá, minhas queridas Abelhinhas, que, seguindo o meu conselho, vejam a vossa bondade largamente recom-

pensada pelo generoso Menino Jesus. Sempre vossa

Abelha Mestreira.

COLABORAÇÃO INFANTIL

MITÉ

à pequenina M. Teresa F. Fernandes

Gentil, mimosa, rosada,
Com seu sorriso inocente,
Prende logo tôda a gente
Esta boneca adorada.

Eu me extasio encantada
Sempre que ela, de repente,
Balbucia docemente
Uma palavra acertada.

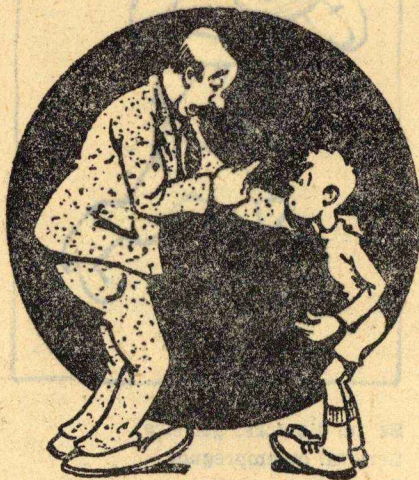
Que Deus te guie para o bem
E feliz sejas também
Minha linda Mitézinha!

Ao céu roga, com fervor,
Por ti a Nosso Senhor
Esta sincera amiguinha.

JOSETTE LICÍNIA RENDEIRO

ANEDOTA O NOSSO JÔGO

Amiguinhos;



O professor: — «Menino Chico, diga-me um sinónimo de cábula.»

O aluno, timidamente, declinando o seu nome: — «Francisco Pais da Costa Ramos da Fonseca.»

O «Pim-Pam-Pum» publica hoje um interessante joguinho, próprio para a época que atravessamos.

A forma de jogar é muito simples.

Os dois jogadores, pois só podem ser dois, representam o Pai Natal e tu, leitorzinho amigo.

Cada um toma cinco rodelinhas, que representam brinquedos, e procuram desfazer-se delas da seguinte forma, tomando por ponto de partida o quadradinho onde está a seta:

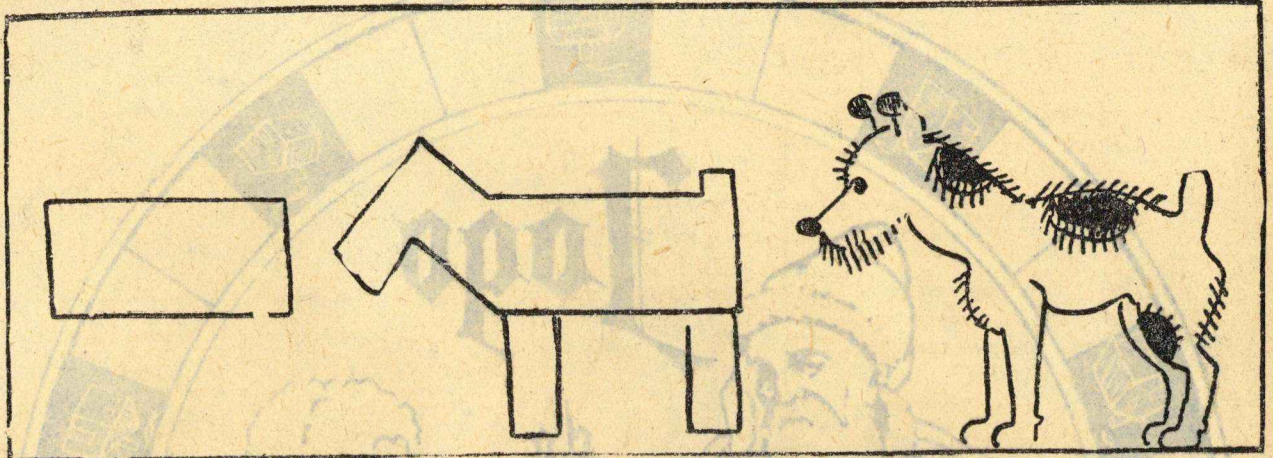
O primeiro jogador atira o dado. Saíndo por exemplo 3, passa 3 quadradinhos à frente e, calhando sobre um quadradinho preto, deixa lá um brinquedo. Joga, em seguida, o parceiro e suponhamos que saía 5. Andará cinco quadradinhos mas, calhando num quadradinho branco, não põe lá nenhum brinquedo; passa a mão ao outro jogador, e assim sucessivamente, até que qualquer dos dois tenha distribuído os seus brinquedos.

O que primeiro ficar livre deles, ganha o jôgo.

Está percebido?

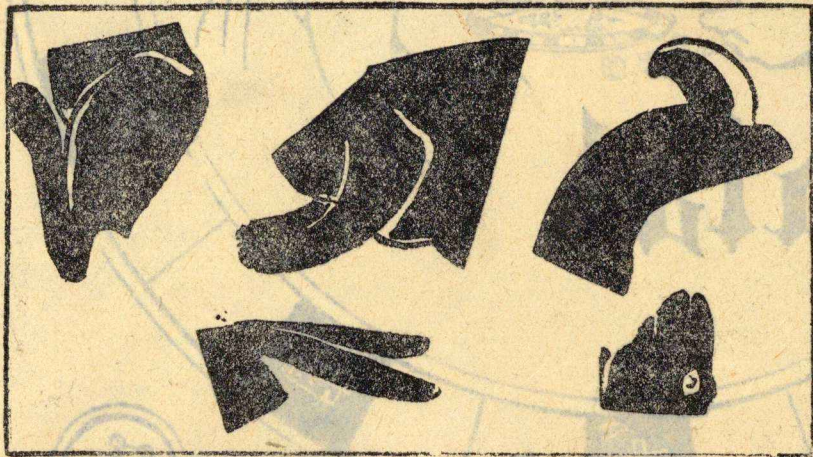
Por último aconselhamos a colar o jôgo numa fôlha de cartão, para se não estragar.

L I Ç Ã O D E D E S E N H O

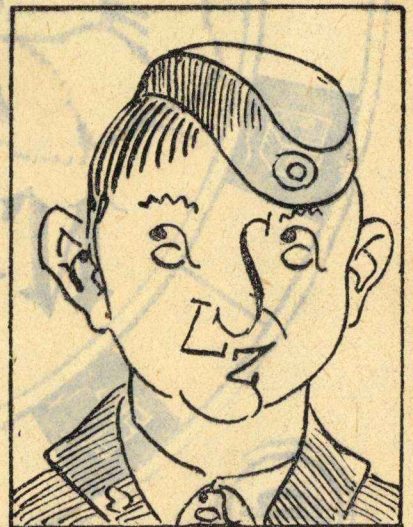


Como se desenha um cãozinho de estimação

P A S S A T E M P O A D I V I N H A



Formar, com estes fragmentos, um animal, depois de recortados



Em quem pensará este estudante?...

A N E D O T A S

— «Eu tenho um filho que, quando trabalha, deixa todos com a boca aberta.»

— «E o que é o seu filho?»

— «É dentista.»

NO ROSSIO:

Um músico ambulante está tocando viola em frente do Teatro Nacional.

Um polícia aproxima-se e diz-lhe:

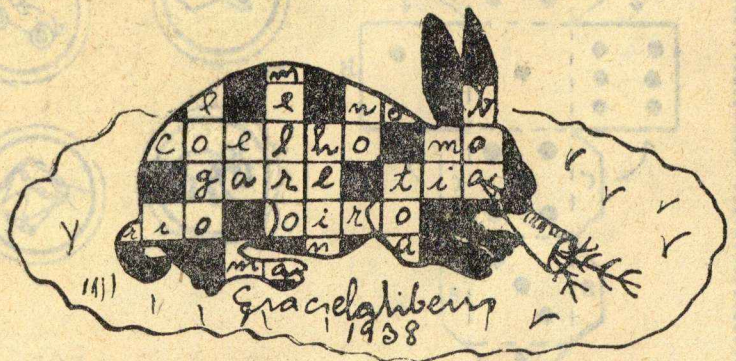
— «A sua licença?»

— «Não tenho.»

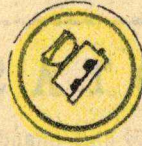
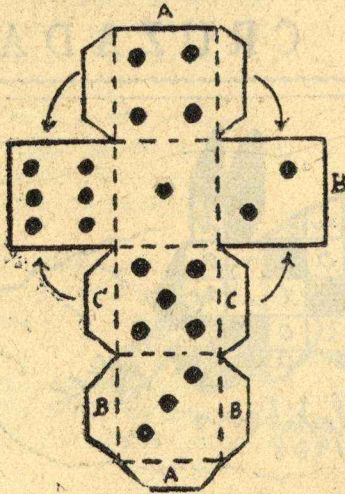
— «Então acompanhe-me.»

— «Com muito gosto. O que é que o senhor quer cantar?»

P A L A V R A S C R U Z A D A S



Solução das que publicámos no número 670



por TAVARES PINTO